

Em seu novo espetáculo, Grupo Corpo atinge síntese da dança

Com movimentos que remetem ao mar, companhia mineira vive momento especial

Divulgação/José Luiz Pederneiras

'sem mim'
Grupo Corpo

Silvia Soter

segundocaderno@oglobo.com.br

DANÇA
CRÍTICA Para o público carioca, apenas um ano separou a chegada de "Imã", a criação anterior do Grupo Corpo, de "sem mim", que estreou ontem no Teatro Municipal e fica em cartaz até a próxima segunda-feira. De fato, o intervalo foi de dois anos, espaço em que a equipe encabeçada por Rodrigo Pederneiras se encaminhou para um universo totalmente distinto do anterior. Para esta companhia mineira, o encontro com a música, a escolha do compositor para a trilha de cada obra, serve de passagem para outras paisagens. Desta vez, entre "Imã" e "sem mim", a travessia foi grande.

Fragmentos de outras obras

As cantigas-poemas atribuídas a Martín Codax, que teria vivido na cidade marítima de Vigo, na Galícia, entre os séculos XIII e XIV, falam de ausência, de amizade, falam de mar. O primeiro mergulho neste mar de referências foi de José Miguel Wisnik e Carlos Núñez, autores da trilha original de "sem mim".

Com reverência ao material original mas, felizmente, sem fazer concessões aos modismos, os compositores atuali-

zaram as cantigas e contaram com a companhia de instrumentistas e cantores de primeiríssima linha para criar a trilha de "sem mim" que integra as seis cantigas de Codax e mais uma, composta por Wisnik a partir de Codax.

Como é de hábito na companhia, a peça que abre a noite — neste caso, "O corpo" (2000), com música de Arnaldo Antunes — oferece pistas para a leitura da seguinte. As ondulações dos corpos robotizados da criação de 2000 parecem resultado do impacto de descargas elétricas, produzindo movimentos em chicote. Em "sem mim", as ondulações voltam, mas são de outra

natureza, contidas, insinuantes, delicadas. Como as ondas nas mudanças das marés, que aumentam e avançam pouco a pouco, sem que os olhos percebam de imediato, os bailarinos invadem e ocupam a cena. Mesmo com a presença de solos e duos, a coreografia se apoia no grupo. Para olhos e ouvidos mais acostumados com a obra de Pederneiras, talvez seja possível reconhecer extratos e referências a obras anteriores atravessando as águas de "sem mim". Estão lá o barroco de "Bach", a raiz africana de "Benguelê" e o colorido de "21". Ao olhar para trás para visitar o cancionário medieval, essa equipe

afinada arrastou para a cena sua própria história, brincando de fazer cochichar uma obra com a outra.

Os belos e delicadíssimos figurinos de Freusa Zechmeister se colam aos corpos dos bailarinos como tatuagens coloridas e só depois, ao final, ganham outras camadas de pano, como se a própria pele se expandisse, se desdobrasse e virasse luz. "sem mim" é daqueles momentos especiais do Grupo Corpo em que cenário, iluminação — ambos assinados por Paulo Pederneiras — figurinos, coreografia e música dissolvem, como no mar, seus contornos e tornam-se uma coisa só. ■



"SEM MIM", até segunda-feira no Municipal: harmonia entre cenário, luz, figurinos, coreografia e música